



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**

confiar nas pessoas, conceder liberdade com responsabilidade não são coisas fáceis de atingir. O caminho que apresentamos constitui um desafio. Envolve mudanças em nosso modo de pensar, em nossa maneira de ser, em nossos relacionamentos com os outros. Envolve uma dedicação difícil a um ideal democrático." Rogers (1986: 326, 327):

Deve se levar em conta a heterogeneidade de perfis, a variedade de situações que levaram as pessoas estarem na rua, bem como a complexidade dos problemas que se apresentam com as mesmas. Dessa compreensão advém a possibilidade de pensar em estratégias de atendimento, atividades socioeducativas, que de fato gerem resultados positivos tanto para o grupo profissional quanto para os usuários.

Silva (2006) enumera várias espécies de fatores motivadores da existência de pessoas em situação de rua, tais como fatores estruturais (ausência de moradia, inexistência de trabalho e renda, mudanças econômicas e institucionais de forte impacto social, etc.), fatores biográficos (alcoolismo, drogadição, rompimentos dos vínculos familiares, doenças mentais, perda de todos os bens, etc.), além de desastres de massa e/ou naturais (enchentes, incêndios, terremoto, etc.). Ainda segundo a autora, se trata de um fenômeno multifacetado que não pode ser explicado desde uma perspectiva unívoca e monocausal. São múltiplas as causas de se ir para a rua, assim como são múltiplas as realidades da população em situação de rua. (RAMOS, 2012)

Borin (2003) descreve:

Os moradores de rua não constituem uma "população homogênea". A multiplicidade de características pessoais, que esse segmento social apresenta, dificulta a utilização de uma definição unidimensional. A variedade de soluções dadas à sobrevivência e formas de abrigo, o tempo de permanência na rua, a trajetória anterior à situação de rua, a herança cultural e social (os valores vividos anteriormente) o tempo e as formas de rompimento dos vínculos familiares/comunitários, os tipos de socialização que se consolidam na rua, a rotina espacial, o uso de substâncias químicas (álcool e/ou drogas) e o seu grau de comprometimento, as condições da auto estima, o sexo, a idade, a escolaridade e as formas de reintegração que almejam, são fatores que dificultam uma conceituação que não seja reducionista ou mesmo unifocal e nos conduz à ideia de uma tipologia dentro dos moradores de rua na cidade (BORIN, 2003, p. 44).

Outra análise apontada por Vieira (1992) diz respeito à compreensão das situações diferenciadas em relação à permanência na rua.

Ficar na rua reflete um estado de precariedade de que, além de estar sem recursos para pensão, não consegue vaga em albergue. Estar na rua expressa situação daqueles que, desalentados, dotam a rua como local de pernoite e já não a consideram tão ameaçadora, começam a estabelecer relações com pessoas da rua e conhecer novas alternativas de sobrevivência. Ser da rua... a rua se torna espaço de moradia de forma praticamente definitiva ainda que ocasionalmente possa haver alternância com outros lugares de alojamento, como pensões baratas albergues, depósitos de papelão e casas de parentes. Nesse contexto a rua ganha cada vez mais importância (VIEIRA, et all, 1992 p. 93-95)